

# LENTA CICATRIZAÇÃO



Gettyimages

Os esforços para conter a destruição da camada de ozônio têm dado bons resultados. Em estudo publicado no periódico "Geophysical Research Letters", pesquisadores da Nasa mostram que um imenso buraco aberto no escudo protetor, no polo antártico do planeta, está cicatrizando lentamente. O trabalho da agência espacial americana, divulgado em janeiro de 2018, aponta que a destruição do ozônio na região em 2016 foi 20% menor em relação ao ano de 2005. Isso graças à diminuição das substâncias nocivas à camada. Como mais ozônio é produzido constantemente, de forma natural, a quantidade ideal do gás que protege a Terra da radiação solar pode estar, aos poucos, sendo recuperada.

Os cientistas atribuem essa recuperação a um acordo firmado há mais de 30 anos, quando a descoberta do buraco de ozônio antártico colocou o mundo em estado de alerta. Desde a década de 1970, pesquisadores desconfiavam que certas substâncias utilizadas em desodorantes aerossol, sprays para cabelo, geladeiras e aparelhos de ar condicionado poderiam destruir a camada de ozônio que protege a Terra. Essa teoria se confirmou na década seguinte, quando tais compostos químicos, chamados de clorofluorcarbonos (conhecidos popularmente como CFCs), foram apresentados como grandes vilões na destruição do lençol protetor. Quando chegam à estratosfera (faixa de 20 a 35 quilômetros da superfície, onde está localizado o escudo), esses compostos liberam átomos de cloro após serem atingidos por raios solares. São esses átomos de cloro que quebram as moléculas de ozônio, prejudicando a armadura protetora do planeta.

Ao perceberem o tamanho do problema, principalmente sobre a área antártica, onde o buraco era gigante (do tamanho da América do Norte), líderes mundiais decidiram criar um acordo. Os 197 países signatários do Protocolo de Montreal, criado em 1987, se comprometeram a reduzir progressivamente a produção e a emissão das substâncias que danificam a camada de ozônio até que os

compostos fossem totalmente retirados de circulação. O tratado internacional passou a valer no dia 1º de janeiro de 1989. Em 1999, uma década depois da assinatura do acordo, a quantidade de CFCs na Terra atingiu o seu pico. Desde então, estudos mostram que as concentrações na atmosfera começaram a cair.

Para os cientistas da Nasa, a cooperação entre países começa a dar frutos. “Vemos com clareza que o cloro dos CFCs está diminuindo no buraco da camada de ozônio e que temos um menor esgotamento dela por conta disso”, disse Susan Strahan, uma das autoras do estudo, em comunicado. Ainda assim, os CFCs podem permanecer na atmosfera até cem anos, o que significa que levará mais algum tempo até que esses componentes nocivos sumam completamente. Se a redução continuar nesse ritmo, os pesquisadores apostam que o buraco antártico será minúsculo (ou inexistente) a partir de 2060.

O estudo da agência espacial americana é o primeiro a medir a composição química dentro do buraco de ozônio durante o inverno antártico, época em que as medições são mais precisas. Para fazer as análises, os pesquisadores usaram um equipamento chamado Microwave Limb Sounder (MLS). Acoplado a um satélite, o Aura, a sonda conseguiu reunir os dados que indicaram a diminuição dos CFCs e a recuperação do ozônio. É um bom exemplo de que a cooperação entre países é capaz de reverter a destruição ambiental do planeta.

Guten News: Lenta cicatrização, Melissa Schröder, publicado em Guten News.